

O Feminino e Suas Vicissitudes: um estudo

O enigmático da sexualidade feminina
Construções tecidas por Freud ao longo de seus textos
O Falicismo
A mãe é o primeiro sedutor sexual da criança
O pai como terceiro interditor
O Complexo de Castração
A Inveja do Pênis
Os caminhos da sexualidade feminina

Luciane C. Stern

Durante longo tempo, Freud lastimou a indiscernibilidade da vida sexual da mulher. Acreditava que somente a vida sexual do homem tornara-se acessível à pesquisa e que a sexualidade da mulher encontrava-se mergulhada em impenetrável obscuridade. A mulher era vista como algo enigmático, como um continente negro que a Psicanálise não conseguia investigar.

Para Freud, a falta de clareza sobre a sexualidade feminina levou-o a presumir que a sexualidade da mulher era análoga à do homem. A ideia de um paralelo completo entre os dois sexos foi desenvolvida em diversos pontos de seus escritos. O pensamento corrente era de que a primeira afeição da menina era por seu pai e os primeiros desejos infantis de um menino direcionavam-se à sua mãe. Não só as concepções teóricas de Freud baseavam-se nestes conceitos, mas também sua prática clínica encontrava-se calcada na mesma vertente. O embasamento clínico-teórico, nestas concepções, leva Freud, no ano de 1900^[6], a fracassar no atendimento de uma jovem paciente histérica chamada Dora. Freud tenta fazer Dora reconhecer seu amor pelo Sr. K., porém, na verdade, ele empurra-a para o Sr. K. e isto faz com que Dora repita a fantasia de que ela seria um mero objeto de troca entre o pai e o Sr. K. Dora se revolta ao ser rebaixada a tal posição e interrompe sua análise. Por essa época, Freud ainda não reconhecia que a questão de Dora era o enigma que representava para ela a Sra. K., esta outra mulher, amante de seu pai, detentora de uma feminilidade misteriosa. Freud não distinguiu o objeto de amor de Dora do objeto de identificação. A solicitação de Dora era que o homem desejasse a mulher, detentora do mistério de sua própria sexualidade.



Percorrendo os textos freudianos, tentando-se verificar as construções tecidas em torno da feminilidade, deparamo-nos com certos impasses em Freud, pois por mais que ele afirme a simetria da vida sexual entre os dois sexos, embriões de uma distinção da sexualidade masculina e feminina podem ser verificados ao longo de sua obra. Já em 1905, nos “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud se refere ao clitóris como o órgão sexual principal nas meninas, tendo este um caráter inteiramente masculino. Na puberdade, uma onda de repressão deveria estabelecer-se para que o clitóris cedesse lugar à vagina e a masculinidade à feminilidade. Neste mesmo texto, ele se antecipa, sem o perceber, na revelação de que o primeiro objeto sexual da criança era o seio da mãe e este servia de protótipo para relações amorosas posteriores.

Em 1908, em seu estudo “Sobre as Teorias Sexuais das Crianças”, Freud declara que, por circunstâncias de natureza desfavoráveis, o que irá relatar se aplica, principalmente, ao desenvolvimento do sexo masculino, entretanto, neste artigo, apresenta uma peculiaridade da sexualidade feminina que a distingue da sexualidade masculina, que é a vinculação entre a Inveja do Pênis e o Complexo de Castração. No ano de 1916, outra particularidade da sexualidade feminina

emerge no texto “Alguns de Tipos de Caráter Encontrados no Trabalho Analítico”. Neste, Freud revela que a menina ao perceber o dano narcísico, que imagina ter sido infligido a ela pela mãe, ressentida-se e passa a hostilizá-la.

Nota-se que, durante anos, Freud vai tendo à mão diversos pormenores sobre a sexualidade feminina, mas sem os vincular até o ano de 1925. Em 1923, Freud escreve dois textos que serviriam de trampolim para observação de que a ideia de um paralelo complexo entre os dois sexos era equivocada, publicando “A Organização Genital Infantil” e “O Ego e o Id”. No primeiro artigo, Freud descreve a fase fálica, narrando os processos que concernem a criança do sexo masculino e que confessando desconhecer os que afetam a criança do sexo feminino. Expõe que as constatações feitas sobre a sexualidade infantil foram conseguidas com estudos do homem deduzindo assim as relações que existiam com as crianças em geral, só que isto, posteriormente, demonstrou não vigorar. No segundo texto, “O Ego e o Id”, Freud desenvolve teorias relativas aos complicados processos que acompanham a dissolução do Complexo de Édipo. Este seu estudo, aliado a novas observações clínicas, vai levar Freud a rever sua afirmação anterior de um Édipo similar para os dois sexos, a tal ponto que, após um ano, surgirá o manuscrito intitulado “A Dissolução do Complexo de Édipo” (1924), onde Freud começa a definir-se sobre a especificidade da sexualidade feminina. Esta nova posição leva-o a fazer uma revisão completa de alguns de seus conceitos fundamentais como os de Édipo e de Castração. Mas é em 1925 que será apresentada pela primeira vez uma reavaliação das opiniões de Freud sobre o desenvolvimento sexual da mulher. O texto “Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos” pode ser considerado uma síntese das várias parcelas de conhecimento adquirido por Freud em diferentes etapas cronológicas de seus trabalhos. Nele, Freud fará sua primeira incursão na sexualidade da mulher, distinguindo-a, definitivamente, da sexualidade do homem. A ideia anteriormente aceita de que a primeira afeição de uma menina é por seu pai e que há uma necessidade de livrar-se da mãe, por considerá-la supérflua, será abandonada. Cai por terra a ideia da analogia exata. O conhecimento da sexualidade feminina será ampliado em trabalhos posteriores, como em “Sexualidade Feminina” (1931), Conferência XXXIII das “Novas Conferências Introdutórias” (1933) e no capítulo VII do póstumo “Esboço da Psicanálise” (1940 '1938).

Para além do fato em si, Freud sempre foi a busca das representações psíquicas. Foi um pesquisador incansável da alma humana, na procura de desvendar suas “verdades”, seus segredos. Não se importava de trocar o conhecido pelo desconhecido, e de se corrigir quando necessário e acrescentar dados novos, quando preciso fosse. E é dentro deste espírito sempre inovador, que Freud, em 1923, escreve o artigo “Organização Genital Infantil” e o qualifica como um texto complementar ao publicado em 1905^[7]. Em 23, Freud afirma que o caráter principal da organização genital infantil, que ao mesmo tempo a diferencia da organização genital definitiva do adulto, reside no fato de que para as crianças de ambos os sexos só um órgão genital entra em consideração e este órgão é o masculino - “O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo”^[11] (pág.180). Isto significa que a relação do sujeito ao falo se estabelecerá sem se considerar as diferenças anatômicas entre os sexos.

Freud passa, então, a reconhecer o papel essencial de um só órgão genital num dado momento da evolução sexual das crianças. Reconhece, ainda, que para além, do corpo do indivíduo, da materialidade da carne, da diferença entre órgão e cromossomos há um outro corpo. Um corpo erógeno, um corpo psíquico, que pode ou não estar em concordância como corpo anatômico. Em 1924, Freud declara – “A distinção morfológica está fadada a encontrar expressão em diferença de desenvolvimento psíquico” e acrescenta parodiando Napoleão “a anatomia é o destino”^[12] (pág.222). Ou seja, as crianças do sexo feminino e masculino passarão por processos psíquicos diferentes dependendo da realidade anatômica de seus corpos. Acontece, no entanto, que a anatomia não determina a sexualidade, psiquicamente. A questão da sexualidade ficaria insolúvel se reduzida a dados biológicos. A genialidade de Freud foi ter-se apercebido que a anatomia é marcada psiquicamente, diferentemente em cada indivíduo através de um processo subjetivo complexo. A anatomia orienta a sexualidade, mas de modo nenhum é ela a determinante. É necessário que o

sujeito simbolize seu sexo e o imbua de sentido, senão ele pode fingir-se de homem ou de mulher, segundo normas de conduta e papéis prescritos pela sociedade, sem na verdade assumir seu sexo.

O real dos sexos impõe que sejam anatomicamente diferentes. Só que constatamos que as crianças elaboram esse real segundo uma construção imaginária onde a diferença é subordinada à ordem da falta. A criança acredita que falta algo num dos sexos. O sexo feminino não é reconhecido como a existência de um outro sexo diferente do masculino. Isso não prova que a criança desconheça a existência da vagina, como imaginava Freud. Segundo postulações mais recentes, sabemos que a vagina é reconhecida pela criança como um órgão, como um pedaço do corpo, mas não como sexo feminino^[1]. Esta construção imaginária da falta (no sexo feminino faltaria alguma coisa) é o que postula, implicitamente, a existência do falo. Podemos afirmar que há dois modos de manifestação do falo: a presença ou a ausência.

O falicismo, a crença numa só espécie de órgão genital, é partilhado pelos dois sexos, em detrimento do bom senso. A criança percebe a diferença entre homem e mulher, observa suas posturas, vestimentas e atribuições sociais, só que, num primeiro momento, não vincula esta distinção à diferença de órgãos genitais. Por questões próprias, por todo o seu investimento narcísico, presume que todos são feitos à sua imagem e semelhança, que todos têm o mesmo órgão sexual. O menino valoriza seu pênis em alto grau, as sensações que esta parte do corpo lhe desperta é tão importante e prazerosa que não pode conceber sua ausência em outro indivíduo. Ele se ama por ser menino.

Se supusermos a existência de um órgão análogo ao pênis na menina, o clitóris, entendemos que este adquire a mesma significação do pênis, ou seja, a de condicionar seu amor por si mesma. Isto significa que há um condicionamento fálico do narcisismo do sujeito, qualquer que seja o sexo. “O sujeito se ama como falo”^[25] (pág.15).

No início da organização sexual das crianças, não só o falo é o único órgão sexual possível, como também a mãe é o objeto de desejo constante, enquanto a rivalidade e o desejo de morte recai sobre o pai. Esta é a grande revelação do texto de 1925^[13], onde Freud chama a atenção para a importância da intensidade e duração da ligação pré-edípica da menina à mãe. A mãe é o objeto almejado tanto dos meninos quanto das meninas, como consequência de alimentar, banhar, acariciar, enfim, por todos os cuidados diários, que uma mãe, geralmente, dedica a um filho. A mãe, ao realizar todas estas tarefas, erogeniza o corpo da criança. Um corpo biológico é tornado um corpo erógeno, um corpo sensual. Assim, a mãe é o primeiro sedutor sexual da criança e também é neste sentido que a criança tanto exige a presença materna.

A criança dentro desta relação, também quer satisfazer o desejo deste primeiro objeto amoroso-mãe e para satisfazê-lo, ela se faz, desejo do desejo deste objeto. A criança se torna, então, objeto do que é suposto faltar à mãe, sendo o falo o objeto supostamente capaz de preencher a falta da mãe. Neste primeiro tempo o desejo da criança fica radicalmente preso ao desejo da mãe e a criança vive uma relação de indistinção fuzional com a mãe.

Observa-se que a primeira condição da existência de um ser humano é ser identificado como falo imaginário da mãe. A mãe toma a imagem do corpo do filho como falo e é esta a primeira posição identificatória para a criança. (Apesar de neste primeiro tempo nenhum elemento terceiro mediar a



relação da criança com a mãe, a própria identificação fálica da criança com o objeto materno pressupõe a dimensão de um agente mediador (pai) e a amplitude da castração no terreno de uma oscilação dialética, que a criança encarna sob a forma do ser ou não ser o falo materno). Ou seja, a relação criança-mãe é determinada por uma abertura da função fálica, que significa que há um objeto que falta à mãe.

Num segundo tempo, a criança é reconhecidamente introduzida no registro da castração pela intrusão da dimensão paterna, que rompe com a equivalência filho-falo. A presença deste terceiro interditor (pai) tem como função privar a mãe do objeto fálico de seu desejo e interditar o filho, enquanto desejante de ser o falo da mãe. O pai frustra a criança na satisfação deste seu impulso e a intima a renunciar à sua identificação fálica primordial.

O pai apresenta-se para a criança como um Outro; Outro este que não só medeia a relação dela com a mãe, como também se denomina, detentor desta mulher. Como consequência desta revelação, o pai passa a aparecer na vida subjetiva da criança como possuidor de um atributo fálico, como aquele que é suposto ter. Assim se instaura a dialética do ter ou não ter, que fará eco dentro da dialética do ser ou não ser o falo.

A condição do pai (que não é nada além de um homem) ser reconhecido pela criança, enquanto pai simbólico, (que é a instância simbolizadora, mediadora da castração) é justamente a atribuição imaginária de um objeto fálico ao pai. O significante pai tem que ser identificado ao significante fálico. Ao pai caberá dar provas daquilo de que todo homem é desprovido e a ele é suposto ter. A dimensão do pai simbólico transcende ao pai real, porém esta mesma dimensão é puro referente, é mítica, pois é fálica.

Ascender à condição de pai simbólico é ser permeado pelo registro do pai imaginário, que consiste na representação fantasmática que a criança faz do pai, segundo seu próprio desejo e que também é determinado pelo discurso da mãe sobre o pai. À mãe cabe fazer o reconhecimento do pai, enquanto aquele que lhe dita a lei. A criança só interpelará a lei paterna, à proporção que descobrir que a própria mãe é dependente desta lei, isto é, a criança só se verá confrontada com as leis do Outro se perceber, na mãe, o acatamento destas leis. Caberá então, à mãe aceitar a enunciação paterna e reconhecer a palavra do pai como a única suscetível a ponto de mobilizar seus anseios. A criança verificará que é o pai que detém a preferência junto à mãe, e, sendo ele a pessoa que atesta o registro do ter, sob estas condições, fica elevado à condição de pai simbólico.

O desejo da mãe, bem como seu olhar, se orientará para um lugar que não é o da criança, dirigir-se-á a este terceiro interditor e, ao lado dele, se encontrará o emblema mobilizador do desejo. Este é o momento traumático da castração, quando a criança se confronta com a sua impossibilidade de responder à demanda materna. A criança não só se verá exonerada de sua posição fálica, como também vislumbrará a castração da mãe. Se a mãe é desejante, equivale a dizer que é faltosa. A incompletude da mãe vem à tona, desfazendo-se, na criança, a crença na mãe fálica.

A partir do instante em que a impossibilidade de consumação do incesto ganha sentido e efeito no sujeito, ele perde a ilusão de completude e eleva-se da condição de objeto do outro (mãe) à sujeito desejante. A instalação da lei do desejo, isto é, de uma lei que medeia o desejo, é o que Lacan vai chamar, não sem razão, de castração simbólica. Assim se inaugura na infância o processo de encontrar um objeto, pois o gozo com o objeto anterior (pais) está agora perdido para o sujeito.

A castração para as crianças de ambos os sexos é colocada a partir daquilo que concerne à sua própria autoimagem, ela não é, em absoluto, resultado de uma fantasia de mutilação, e, no caso da menina, também não se refere a uma rivalidade imaginária com o menino. Foi em relação a estas ideias que Freud foi duramente criticado, pois parecia que ele fundamentava sua teoria numa diferença anatômica entre os sexos. É a antecedência do falo em relação ao pênis e ao clitóris que nos dá a chave para entendermos o que a castração representa para os dois sexos, principalmente para a menina, pois se não houvesse esta antecedência da vivência fálica (postulada pelo próprio Freud em 1923^[11]), poderíamos dizer que não lhe faltaria absolutamente nada, que ela seria apenas

diferente. Comprovamos, no entanto, que a problemática da castração passa, imprescindivelmente, pelo sexo feminino. Ser atravessado pela castração é a condição do sujeito, em qualquer que seja seu sexo, se fazer humano.

Apesar das crianças de ambos os sexos encontrarem na mesma medida a castração e de terem a mesma relação com o falo, elas não tem a mesma relação com o pênis. O menino ressentido com a descoberta das diferenças, recuperar-se-á desse descentramento fazendo uma equação de equivalência entre pênis-falo. Recorrerá, ilusoriamente, ao seu próprio corpo e não atribuirá ao pênis suas características principais de órgão reprodutor. O pênis será vivenciado, percebido e, até instrumentalizado, como órgão que oferece potência. A posse real e concreta de um pênis dará ao menino a ilusão fetichista de possuir o falo. A imagem fálica parecerá realizada no pênis, um pênis real, marcada por sua oposição ao impossível – ao falo.

A dialética do ter convoca, inevitavelmente, o jogo das identificações. O menino acredita-se possuidor do falo, em virtude de uma identificação realizada com seu pai, como aquele que é possuidor do atributo mágico-falo encarnado no pênis. Esta é a lógica identificatória da criança do sexo masculino, se ele é peniano como o pai, também é fálico.

Ao menino, no momento posterior, caberá a tarefa de romper esta identificação pênis-falo. O momento desta descoberta – falo não é pênis – é avassalador para a criança, pois lhe remeterá a um momento anterior, já bastante difícil que foi o da descoberta de que ele não era o falo da mãe. Estas vivências angustiantes se agravam quando constata que o pênis não é falo, e, portanto, ele não o tem. A dialética do ser, que havia sido substituída pela possibilidade de negociar a dialética do ter, via “eu não sou o falo, porém eu o tenho (sobre a forma de um pênis)”, sucumbe ao insucesso. Segundo Lacan, o Complexo de Castração tem uma função de núcleo, é “ a instalação no sujeito de uma posição inconsciente sem a qual ele não poderia identificar-se ao tipo ideal de seu sexo”^[18] (pág.262), isto é, “o sujeito assume seus atributos apenas através de uma ameaça”^[18] (pág. 262).

Somente após a criança ter sido atravessada pela castração é que ela poderá ter acesso ao desejo, que é sempre desejo do falo, a ser buscado, a partir de então, no outro sexo, ou seja, no corpo da mulher. A mulher se tornará significativa fálico do homem. “O Falo, em seu valor simbólico, emprestará a todo o significante, com o qual se articule, o brilho necessário ao deslizamento da pulsão propiciador do desejo”^[20] (pág.91). Portanto, a ereção do homem será mobilizada por algum elemento da instância fálica que ele protegerá no corpo da mulher, na esperança de lá poder deparar-se com algo inominável que ele crê poder nomear. Concluímos, assim, que a mulher é o símbolo daquilo que falta ao homem. O símbolo da falta é o falo, o falo simbólico. Isto quer dizer que a mulher ocupa o lugar daquilo que o homem percebe faltar em si e que acredita poder encontrar no corpo da mulher.

A menina, igualmente ao menino, subtrai-se da posição de ser objeto do desejo da mãe e depara-se com a dialética do ter. Mas é sob a forma de não ter que a menina se confrontará com esta dialética. A menina, ao recorrer ao registro de seu próprio corpo, não encontra um órgão que seja assinalador de sua condição. Sua especificidade é a privação de um traço específico, que a faz sentir-se desprovida. Este nada visto, nada mostrado equivale em termos imaginários para a menina a nada ter.

Segundo Freud, “as meninas notam o pênis de um menino notavelmente visível e de grandes proporções e, imediatamente, o identificam com o seu próprio órgão pequeno e invisível, tornando-se, a partir deste momento, vítima da Inveja do Pênis”^[13] (pág.313). A menina reconhece que viu o pênis, sabe que não tem e quer tê-lo.

O Complexo de Castração surgido ao ver o órgão sexual do menino, leva a menina a querer um semelhante, quer compensar sua falta, sua ausência. Esta busca é denominada complexo de virilidade e a menina comporta-se como um homenzinho.

A vida sexual da mulher é regularmente dividida em duas fases: a primeira possui um caráter masculino, ativo, onde a menina não se submete à falta de pênis, pelo contrário, alimenta, por longo tempo, o desejo de possuir um. Durante este período as manifestações auto-eróticas e masturbatórias da sexualidade da menina possuem cunho varonil, Freud sustenta que a libido é invariavelmente e necessariamente de natureza masculina, assevera que só há um símbolo da libido e este é sempre viril. A segunda fase é especificamente feminina, significando que, no desenvolvimento da mulher, há um processo de transição de uma fase para outra, sem similar no homem. Assim, para uma menina tornar-se mulher deverá percorrer um caminho de realizações simbólicas mais complexo do que o menino.

O reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos, que a menina faz, afasta-a forçosamente da masculinidade e da masturbação masculina para novos caminhos que poderão conduzi-la ou não à feminilidade. Em “Sexualidade Feminina” (1931), Freud descreve três linhas possíveis de desenvolvimento para a menina depois da descoberta da castração:



1º) Insatisfeita com seu clitóris abandona sua atividade fálica, renuncia à sexualidade e há uma cessação de toda vida sexual, bem como de suas inclinações masculinas em outros campos.

2º) Se aferra tenazmente a sua masculinidade ameaçada. Reivindica um pênis-falo numa desafiadora super-enfatização de sua masculinidade. Este caminho leva-a a uma modificação de seu caráter o sentido de um Complexo de Masculinidade.

3º) Assunção da feminilidade quando toma o pai como objeto.

A doutrina freudiana afirma que para a menina chegar à feminilidade dois problemas, que são poupados ao menino, lhe serão colocados. Estes se resumem na sua relação com o seu próprio corpo e na sua relação com o objeto.

Em relação à primeira questão, Freud constata que, na mudança para a feminilidade, o clitóris deveria transferir sua sensibilidade e sua importância para a vagina. Ele a chega a afirmar que o sucesso da normatização da mulher dependeria da eliminação do orgasmo clitoridiano. Atualmente, este tese não é mais sustentável. A erogenidade da vagina não parece sinal de normalidade, tanto quanto a do clitóris sinal de anormalidade. A ideia de uma transferência da capacidade orgásmica do clitóris para a vagina é uma ideia mítica da sexualidade. Ratificando com M. Safouan “o que é essencial para a psicanálise não é a transformação do clitoridiano em vaginal, mas de libido auto-erótica em libido objeto!”^[25] (pág.17).

A segunda questão alude ao relacionamento com o objeto materno. Sabemos que ambos os sexos devem renunciar ao seu primeiro objeto amoroso. O menino renuncia à mãe por uma outra mulher. A menina também deve fazer a mesma renúncia, só que em proveito de um objeto de sexo diferente do da mãe. Apesar da menina ter uma longa lista de queixas e acusações contra sua mãe, o afrouxamento da relação afetiva da menina para com a figura materna terá sua origem na influência do reconhecimento da castração. A menina acredita que a mãe lhe trouxe ao mundo insuficientemente aparelhada e a considera responsável por sua falta de uma pênis apropriado. Além disso, a admissão da castração da mãe, faz com que a menina despreze o objeto materno e o sexo feminino, em geral, por sua peculiaridade orgânica. O amor à mãe é amor à mãe fálica, e quando esta aparece castrada é o fim do idílio.

A relação entre a filha e a mãe é obrigatoriamente ambivalente. Nas primeiras fases da vida erótica, a ambivalência amor/ódio aos objetos é a norma. Na relação da menina com a mãe, que é um vínculo primitivo, a ambivalência é fortemente estabelecida. E é precisamente esta ambivalência de

sentimentos que emprestará sua força no desligamento da menina da figura materna. O afastamento da mãe ocorre em meio ao ódio, desprezo e hostilidade. Isto faz com que se precipite sua vinculação com o seu pai, dando margem a que percebamos que esta tem muito reacional e defensivo, posto que neste momento ela encontra-se atacando e denegrindo a mãe.

A menina move-se em direção ao pai por buscar uma equivalência fálica, ou seja, quando a menina dirige-se ao pai, ela se coloca em falta de algo a ser demandado a ele. A menina deseja obter do pai o pênis que a mãe lhe recusou, neste momento, ainda é a masculinidade que a orienta, a busca ativa de um substituto do pênis. O pênis apresenta-se para a menina como a única possibilidade de equivalência fálica e por esta razão ela tenta obtê-lo a qualquer custo. O homem ainda não aparece como aquele em que ela investirá com feminilidade. A situação feminina só se estabelecerá se o desejo de um pênis for substituído pelo desejo de um bebê. O bebê assume o lugar do pênis-falo consoante a uma primitiva equivalência simbólica, isto é, a demanda de um bebê é um significante articulado simbolicamente ao falo.

Esta espera de um bebê do pai faz com que predomine a passividade e o voltar-se da menina para o pai realiza-se através de impulsos passivos. A menina espera obter do pai o bebê almejado como presente, com este fim em vista, toma o pai como objeto de amor e a mãe fica sendo objeto de seu ciúme. Freud adverte, não obstante, em sua conferência sobre a feminilidade (1932) a fim de evitar mal-entendido que, "...se a feminilidade dá preferência a fins passivos, isto não é o mesmo que passividade. Para se alcançar um fim passivo pode ser necessário grande quantidade de atividade"^[16] (pág.143).

Diferentemente do menino que renuncia à mãe e abandona o Complexo de Édipo, a menina abdica da mãe só que se dirige ao pai na busca da equivalência fálica, instaurando-se assim, seu Complexo Edípico. O Complexo de Castração na menina é causador de seus desejos edípicos. É neste sentido que Freud define o Complexo de Castração como se manifestando na ameaça de castração para o menino e na Inveja-do-Pênis para a menina. Esta aparente contradição entre o Complexo de Édipo e o Complexo de Castração do menino e da menina desaparece se refletirmos que o Complexo de Castração opera sempre no sentido implícito de seu conteúdo, em ambos os sexos, ele limita a masculinidade e incentiva a feminilidade.^[13]

Sobre a ameaça de castração na mulher, Freud expõe em 1932, "o temor da castração... na verdade não sucede nas mulheres, embora elas tenham um Complexo de Castração não podem ter medo de serem castradas. Em seu sexo, o que sucede é o temor à perda do amor..."^[16] (pág.110). Esta afirmação adquire sentido se entendermos que a ameaça de castração nas mulheres, não funciona a nível real, mas da fantasia. O falo implicado nesta ameaça é o falo em falta. A ameaça de castração nas mulheres incide em sua Procura Fálica, ou seja, a castração para as mulheres é concebível na medida em que rompe com sua procura de um substituto fálico. Isto faz com que a criança do sexo feminino, definitivamente, se coloque em falta-a-ser.

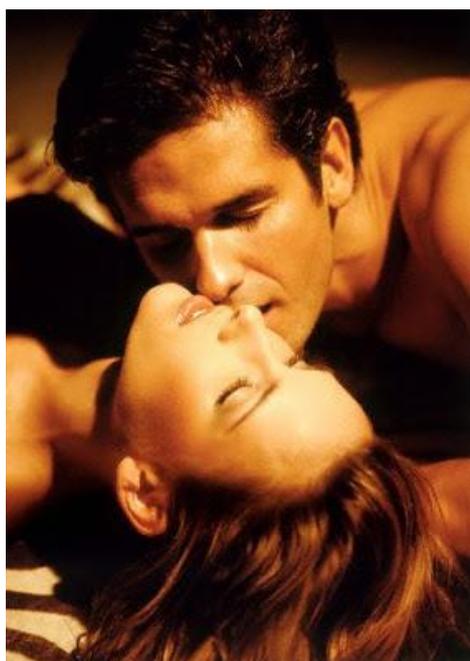
O outro só pode se tornar objeto de amor quando o sujeito sustentar e exhibir sua falta-a-ser. Esta falta-a-ser orientará o sujeito na direção do outro, na busca da completude imaginária, de uma fusão com o outro num impossível antes. Esta falta-a-ser é o eixo de toda a escolha de objeto.

A menina injuriada narcisicamente se volta para o pai que é objeto do desejo da mãe, mas não consegue uma identificação possível com ele, pois lhe falta o significante fundamental que é a representação fálica amalgamada no pênis. Além disso, a menina, ao ir ao encontro do pai, percebe que o olhar deste move-se em outra direção, mais uma vez direciona-se à mãe. A menina encontrará uma identificação possível com a mãe sob a forma de não ter, contudo, "como ela sabe que não tem, no entanto, sabe onde está e onde ir buscá-lo que é imediatamente direcionado ao pai, pois é ele que o detém"^[5] (pág.88). Assim, a menina torna-se mulher com o duplo intuito de ir buscar o que não tem no corpo do homem e de se fazer ela mesma objeto desejado por ele.

A mulher investe ativamente na produção da situação que a recoloca na condição de ser objeto do desejo do outro, enfeita-se, seduz, pois almeja o papel de ser o objeto visado, privilegiado do desejo do Homem.

“O caminho feminino percorre a distância entre o ponto da inveja do que não tem até o interesse narcísico pelo que o Homem lhe aponta como sendo o motor de seu desejo, um caminho da posição masculina – da atividade pela posse do pênis ou seu substituto – até o feminino – de passividade enquanto objeto de desejo do outro”^[21] (pág.39). A maior fonte de interesse narcísico para a mulher passa a se constituir em ser objeto do desejo do homem, de ser a razão do brilho de seu olhar, de ser o que impulsiona o seu desejo.

A mulher mesmo sendo sujeito de privação, perceberá que o homem a coloca num lugar especial, singular, único de seu desejo. A mulher atrai o olhar do homem na esperança que ele lhe marque a feminilidade. Sua identificação aparecerá, então, marcada, pelo que o homem lhe aponta como acréscimo, este indefinível, sutil, mas preciso – “são seus lindos olhos”, “seus lábios cor de mel”, “seu jeito de andar e falar...”



O exercício de toda a atividade da mulher, via referência sua marca feminina, se sustentará pela condição passiva de ser entendida como objeto do desejo do homem. Se a mulher se coloca na condição de causa de desejo, e se todo desejo é desejo do falo, a mulher se coloca, então, no lugar do falo simbólico. “É para ser Falo, isto é, significante do desejo do Outro que a Mulher vai rejeitar uma parte essencial de sua feminilidade. É pelo que ela não é, que ela quer ser desejada ao mesmo tempo que amada, e encontra o significante do seu desejo no corpo daquele a quem se destina sua demanda de amor”^[18] (pág.271). Portanto, o jogo amoroso entre o homem e a mulher vai ser comandado por um único bem possível – de ter o falo. O homem quer crer que o tem, mas ao mesmo tempo faz da mulher seu falo. A mulher, por sua vez, se dirige ao homem fetichizando o órgão masculino e, ao mesmo tempo, se crê falo, por se acreditar possuidora de algo a mais que enfeitiça o homem e o enlaça ao seu lado.

O caminho trilhado pela mulher vai da extremidade do ressentimento pela falta até a assunção da falta. Se, primeiramente, ela se ressentida de não ter um pênis, em seguida descobre que, exatamente por não ter, ela encontrará seu lugar de desejada, de amada por um homem. Somente assim, a mulher consegue simbolizar o falo, isto é, quando ela é presa do desejo do homem.

Lacan afirma conjuntamente com Freud, que a mulher teria, além do gozo fálico (enquanto sujeito ativo desejante) que ela partilha com o homem, um outro gozo, um gozo a mais, suplementar, onde se situa a feminilidade. Em outras palavras, “A mulher pode ser como o homem em lembrança de seu primeiro amor pela mãe e ela pode ser mais do que um homem na medida em que um homem a ama, porque está no lugar de sua fantasia”^[23] (pág.26).

As relações entre os sexos concentrar-se-ão em torno da dialética do ser e do ter, que se relacionam com o significante falo. E por se relacionarem com este significante, vão ter um efeito paradoxal: de um lado dão realidade ao sujeito neste significante e, por outro lado, não realizam as relações a significar.

O falo é um significante virtual que aponta para a falta. Ele está em todo o lugar por não estar em nenhum. É ele o fundador das trocas entre os indivíduos na tentativa destes de poderem voltar a viver relações falicizadas. Ninguém escapa a esta busca identificatória permanente. Mas, apesar desta busca incessante, os dois sexos também têm receio da posição fálica passiva, de serem

entendidos como objetos do desejo do outro, ou seja, ambos os sexos fazem uma reusa ao feminino. Freud em um de seus últimos escritos (*Análise Terminável e Interminável* – 1937), sustenta que para ambos os sexos há um repúdio à feminilidade, nos homens, atitude passiva e nas mulheres, Inveja-do-Pênis. O repúdio à feminilidade deve ser entendido como uma reação contra a função do Complexo de Castração. A recusa ao feminino é relativa a uma angústia que o sujeito experimenta nestas relações passivas fálicas. Angústia esta, relativa a uma indistinção, indiscriminação que o sujeito vivencia em relação ao eu e ao outro.

É o Falo que, excluindo todos, ou excluindo-se em todos, instaura a troca entre todos e dá a esta troca seu sentido e sua significação inconsciente.

Referências Bibliográficas

- 1 – ANDRÉ, S. – O que quer uma Mulher? – Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1987.
- 2 – BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A. – Novo Dicionário da Língua Portuguesa – Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986.
- 3 – Cadernos de Psicanálise – Publicação da Sociedade de Psicologia Clínica do Rio de Janeiro – Instituto de Psicanálise, Rio de Janeiro, 1985.
- 4 – CHASSUGUET-SMIRGEL – A Sexualidade Feminina – Ed. Vozes, Petrópolis, 1975.
- 5 – DOR, J. – Introdução à Leitura da Lacan – Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1990.
- 6 – FREUD, S. – Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria (1901), Ed. Standard Brasileira, vol. VII, Imago Editora, Rio de Janeiro.
- 7 – _____ – Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905), Ed. Standard Brasileira, vol. VIII, Imago Editora, Rio de Janeiro.
- 8 – _____ – Sobre as Teorias Sexuais das Crianças (1908), Ed. Standard Brasileira, vol. IX, Imago Editora, Rio de Janeiro.
- 9 – _____ – Alguns Tipos de Caráter Encontrados no Trabalho Psicanalítico (1916), Ed. Standard Brasileira, vol. XIV, Imago Editora, Rio de Janeiro.
- 10 – _____ – O Ego e o Id (1923), Ed. Standard Brasileira, vol. XIX, Imago Editora, Rio de Janeiro.
- 11 – _____ – A Organização Genital Infantil (1923), Ed. Standard Brasileira, vol. XIX, Imago Editora, Rio de Janeiro.
- 12 – _____ – A Dissolução do Complexo de Édipo (1924), Ed. Standard Brasileira, vol. XIX, Imago Editora, Rio de Janeiro.
- 13 – _____ – Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos (1925), Ed. Standard Brasileira, vol. XIX, Imago Editora, Rio de Janeiro.
- 14 – _____ – Fetichismo (1927), Ed. Standard Brasileira, vol. XXI, Imago Editora, Rio de Janeiro.
- 15 – _____ – Sexualidade Feminina (1931), Ed. Standard Brasileira, vol. XXI, Imago Editora, Rio de Janeiro.

- 16 – _____ – Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1933 '1932'), Conf. XXXIII, Ed. Standard Brasileira, vol. XXII, Imago Editora, Rio de Janeiro.
- 17 – _____ – Esboço da Psicanálise (1940 '1938'), Cap. VIII, Ed. Standard Brasileira, vol. XXIII, Imago Editora, Rio de Janeiro.
- 18 – LACAN, J. – A Significação do Falo, *in* Escritos, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1988.
- 19 – LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. – Vocabulário da Psicanálise, Ed. Moraes, Portugal, 1970.
- 20 – MÜLLER, B. – A Sexualidade Feminina, *in* Arquivos de Psicanálise, ano 1, nº 1, Ed. Universitária Santa Úrsula, Rio de Janeiro, 1988.
- 21 – PEREIRA LEITE, V. e FUKS BERNARDO, B. – A Mulher e a Psicanálise – Algumas questões sobre a feminilidade, *in* Memória IFP/Cartel, ano II, nº 2, Instituto Freudiano de Psicanálise, Rio de Janeiro, 1986.
- 22 – PEREIRA LEITE, V. – Para Viver um Grande Amor, *in* Memória IFP/Cartel, ano II, nº 2, Instituto Freudiano de Psicanálise, Rio de Janeiro, 1986.
- 23 – POMMIER, G. – Identidade Feminina, *in* Transcrição, vol. 1, Ed. Fator Livraria, Bahia, 1985.
- 24 – RIBEIRO KEPLER, S. – O Feminino e a Direção da Cura em Psicanálise, *in* Revista Tempo Psicanalítico, vol. X, nº 3, Rio de Janeiro, 1987.
- 25 – SAFOUAN, M. – A Sexualidade Feminina, Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1977.
- 26 – ZALCBERG, M. – Da Relação Freud-Mulher à Questão do Feminino, *in* Revista Tempo Psicanalítico, vol. III, nº 1 e 2, Rio de Janeiro, 1985.